

## Memórias de Trabalhadores em Fazendas de Gado no Pantanal

*Paulo Rodolfo Bork Zanata<sup>1</sup>*

### Resumo

Este trabalho contempla um estudo na tentativa de compreender os aspectos formadores da identidade de peões de fazendas que trabalharam com o manejo de gado bovino e cavalos na região do Pantanal sul-mato-grossense. A atividade com o gado realizada por esses trabalhadores faz parte de uma cultura que foi resultado da troca de experiências entre diversos grupos que estiveram na região pantaneira antes mesmo da atividade ganhar o status econômico que tem na atualidade. Os métodos tradicionais de trabalho adotados por esses trabalhadores, mesmo sendo tão antigos, são ainda muito eficientes e dispensam a inserção de novos métodos providos da modernidade. Nesse sentido, o peão de gado, sobretudo o pantaneiro, se configura nessa pesquisa como um trabalhador que mantém uma relação estreita com a natureza de forma a respeitá-la e dominá-la conforme suas necessidades tendo o Pantanal como um lugar particular, distinto de qualquer outra região e que merece cuidados especiais.

**Palavras-chave:** Peões de fazenda, Histórias de vida, Pantanal.

Este artigo faz referência ao trabalho de pesquisa intitulado “Memórias de Trabalhadores em Fazendas de Gado no Pantanal” realizado dentro do programa de iniciação científica – PIVIC-UFGD – desenvolvido no período de 2013 e 2014. A metodologia utilizada foi o trabalho com fontes orais em função da bibliografia sobre o tema se dar, ainda, de forma muito escassa quando não marginal sobre esse trabalhador na historiografia. Sendo assim, esse trabalho contribui para o debate em torno do mundo em representação no universo pantaneiro referente à cultura do trabalhador da pecuária.

De início será feita uma introdução sobre o processo de ocupação do Pantanal de Mato Grosso do Sul com destaque aos seus “pioneiros” segundo algumas obras

---

<sup>1</sup> Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), e-mail: [zanata2014historia@gmail.com](mailto:zanata2014historia@gmail.com)

produzidas por historiadores. Em sequência, será feita uma abordagem sobre os conceitos de memória com base em alguns autores dos quais este texto tem como base teórico-metodológica. No terceiro tópico, algumas considerações a respeito da implantação da pecuária na região pantaneira serão feitas a fim de melhor explicitar o sentido de longevidade da profissão do peão de gado pantaneiro bem como entender as permanências e/ou rupturas que se deram no âmbito de sua cultura. Por fim, serão explicitados os resultados da pesquisa em tópicos que dizem respeito quanto a infância, o Pantanal, crenças e costumes assim como a situação da profissão na atualidade segundo a visão dos entrevistados bem como suas relações com os novos métodos de manejo do gado no contemporâneo.

### **Rápidas considerações sobre o processo de ocupação e povoamento da região pantaneira**

Antes do século XIX, o trabalho com gado na região do Pantanal se deu inicialmente como atividade complementar à extração de metais. Com o declínio dessa última, os trabalhadores que permaneceram na região, deram continuidade à atividade dando origem às primeiras fazendas de criação de gado.

Essa região sofreu influências de vários grupos humanos: espanhóis, portugueses e nações indígenas, como, os Bororos, Guató, Paiaguá, Guaicuru, entre outras que foram os primeiros a habitantes do Pantanal (KMITTA, 2010). Quanto ao povoamento pelos grupos não indígenas na região, esse se deu paulatinamente, pois,

[...] a distância da região em relação aos núcleos de povoamento litorâneos, aliado aos obstáculos da própria natureza no período das cheias, fizeram com que as tentativas de fixação, do não indígena, na região, somente fossem possíveis dois séculos mais tarde. Além disso, o contato com os índios, muitas vezes, não se configurava de forma pacífica, o que levou a coroa espanhola a se afastar da região. As primeiras concentrações urbanas são delineadas em meados do Século XVIII, em lugares estratégicos, avizinados das fronteiras espanholas. Um efetivo processo de ocupação e povoamento não indígena, na região que compreende o Pantanal, só foi iniciado efetivamente em meados do século XIX, estimulado pela abertura da navegação do rio Paraguai [...] (Idem, 2010, p.32-33).

Leite (2012) aponta o fluxo migratório “[...] de trabalhadores paraguaios que atravessavam a fronteira desde o final da Guerra (1865-1870) na expectativa de melhores condições de vida [...]” como um fator importante que agregou novos costumes e alterou as formas de lida com o gado no Pantanal (LEITE, 2012, p.08).

No século XX, ocorrem movimentos expansionistas internos, sobretudo, os da década de 1930, com o governo de Getúlio Vargas, possibilitando a incursão de migrantes de outras regiões do Brasil, atraídos pelas perspectivas de progresso na região sul de Mato Grosso. A imensidão de pastagens nativas em excelentes condições, permitindo facilidades no manejo e produzindo boas condições para a criação do gado são algumas das razões para esses novos fazendeiros se instalarem na região pantaneira.

Toda essa movimentação possibilitou a construção de uma cultura do peão de gado, sobretudo o pantaneiro, de forma particular com suas raízes nas trocas de experiências entres esses primeiros grupos que se estabeleceram na região.

Na tentativa de compreender os aspectos formadores da identidade desses trabalhadores, esse trabalho de pesquisa procura analisar depoimentos de peões de fazendas de gado que estiveram na região pantaneira identificando as lembranças que marcam suas memórias quanto ao Pantanal. Além disso, essa pesquisa busca nas lembranças de infância desses trabalhadores, aspectos que revelem como esses se tornam peões mesmo quando ainda são muito jovens. Ao final desse trabalho, há uma abordagem quanto à influência da modernização do campo no trabalho com o gado; a visão dos peões entrevistados demonstra contradições entre os métodos tradicionais e modernos. Os questionamentos de quem têm ou não razão quanto ao futuro da atividade do peão, não é o objetivo desse trabalho. Porém, o que se verifica é que o futuro da atividade está condicionado à situação do mercado consumidor que se faz cada vez mais exigente.

As memórias desses trabalhadores e suas visões quanto à realidade da atividade com o gado são resultado de suas experiências de vida. Mesmo sendo heterogêneas, por se tratarem de vivências individuais, possuem aspectos comuns considerando o ambiente e a realidade da profissão que exerceram como um todo. Por esse motivo, o objetivo desse trabalho é estudar as lembranças que se configuram como formadoras da identidade e do pertencimento desses trabalhadores ao universo pastoril, considerando o Pantanal como uma região peculiar.

Antes de adentrar no universo das lembranças e representações obtidas nas narrativas dos entrevistados, faz-se necessário apresentar os conceitos sobre memória que norteiam este trabalho de pesquisa, ou seja, destacar o referencial teórico-metodológico em que essa se baseia no próximo tópico.

## Conceitos de memória

Pensar a memória como um conjunto de funções psíquicas é pensar em sua característica de conservar informações de forma que essas possam ser retomadas, atualizadas e modificadas no momento que for conveniente. Houve um tempo em que a memória era vista como um dom de origem divina e que as pessoas que a possuíam eram privilegiadas e consideradas guardiões do passado sendo os responsáveis por lembrar os acontecimentos e transmiti-los pra as próximas gerações como nas sociedades sem escrita (LE GOFF, 1994).

No momento em que surge a escrita essa reproduz uma memória “palavra por palavra” passando a ser obrigatório, em algumas sociedades, reproduzir e armazenar uma memória artificial, da qual, se pode retomá-la no tempo e consultar as informações guardadas. A consulta aos registros escritos permitiu ao homem expandir sua memória artificial de forma a desenvolver a administração dos grupos com base nas releituras de informações que remetiam aos processos que deram certo e os que deram errado no passado, e assim, para que fossem retomados no presente ou não. Porém, isso possibilitou dar o sentido de vulgaridade ou efemeridade ao que foi interpretado (Idem, 1994).

A disputa entre agentes (ou grupos sociais) pelo “monopólio” das memórias que contribuíssem para legitimar ou justificar posições e ações nas sociedades antigas fez dessa um instrumento de poder. A apropriação desse passado através de ferramentas de fixação da memória como a criação do calendário com datas comemorativas ou objetos de culto como representações do passado, por vezes, distante da realidade dos indivíduos a que essa é imposta, são adotados para melhor assegurar a coesão de um grupo. Essa memória de grupo é definida por alguns autores como HALBWACHS (1990) de memória coletiva. Os detentores dessa memória passam a trabalhar de forma a assegurar sua capacidade de convencer as memórias individuais sobre acontecimentos passados.

Dessa forma, a memória coletiva é originada a partir de mecanismos que reúnem memórias individuais que dão sentido de identidade e pertencimento a um determinado grupo com a assimilação de suas representações possibilitando o sentimento de unidade. Quando uma memória individual não mais se identifica com a memória coletiva do grupo ela se desliga desse grupo através do esquecimento gerando o desapego ao mesmo. Com isso ela pode se manter estritamente individual

até o momento que suas lembranças são reconhecidas ou reconstruídas em outra memória coletiva possibilitando a adesão de um novo grupo.

Assim, a memória pode ser entendida como um processo de construção e reconstrução dependente das leituras de mundo. Já com relação à narrativa essa é uma extensão da memória que permite a interação com outra possibilitando a identificação quando as memórias são semelhantes ou o contrário quando estas forem antagônicas.

Pensando um determinado grupo social como resultado acabado de uma memória coletiva sabendo que essa é formada pela união de memórias individuais; para entender ou explicar a sua cultura é preciso destacar os aspectos que mantêm a sua coesão. No caso desse trabalho de pesquisa o que se busca é encontrar, nas memórias individuais de peões de gado que estiveram no Pantanal, elementos que formam seu sentido de identidade e suas representações no grupo.

### **Origens da pecuária na região pantaneira de Mato Grosso do Sul**

A implantação da pecuária na região pantaneira se deu como atividade complementar, ao lado da agricultura, para a subsistência dos trabalhadores envolvidos na extração dos metais. Mais tarde, com o declínio da atividade mineradora, a pecuária teve sua ascensão e os trabalhadores e aventureiros que se estabeleceram na região apostaram nessa atividade (LEITE, 2003).

Alguns autores destacam o pioneirismo dos colonizadores portugueses e espanhóis na região; no entanto, devemos levar em conta, que a região já era habitada muito antes da chegada desses, conforme aponta Kamitta (2010):

Antes da chegada de espanhóis e portugueses – que, por longa data, disputaram essas planícies – a planície inundável conhecida como Pantanal, foi habitada por nações indígenas, como, os Bororo, Guató, Paiaguá, Guaicuru, Cadiuéu, entre outras (KAMITTA, 2010, p.32).

Esses primeiros habitantes, ao lado da natureza com suas enchentes, foram os primeiros obstáculos contra as invasões dos grupos colonizadores. Porém, ao longo dos séculos, os grupos não indígenas prevaleceram e dominaram tanto a natureza, quanto os povos nativos da região.

Quanto às origens das primeiras fazendas de gado na região pantaneira Esselin (2011) faz uma abordagem a partir de meados dos séculos XVI e XVII, quando os primeiros rebanhos de bovinos foram introduzidos pelos colonos e religiosos das

missões jesuíticas do Itatim e da fundação de Santiago de Xerez que importaram os primeiros exemplares bovinos de Assunção. A proliferação do gado na região se deu pela fuga dos criatórios do interior desses núcleos após conflitos com mamelucos paulistas que buscavam a captura de mão de obra indígena:

Os ataques dos mamelucos paulistas às reduções e à cidade de Santiago de Xerez para a preta indígena não só desarticularam os povoados pioneiros como dispersaram o gado por toda a região do Pantanal sul-mato-grossense, onde os rebanhos puderam multiplicar-se livremente, devido aos imensos campos de pastagem natural e aos terrenos salitrosos, altamente favoráveis para a sua reprodução (ESSELIN, 2011, p.16).

As primeiras fazendas na região, de início, se formaram a partir de alguns poucos aventureiros que se arriscaram no resgate desses animais em fins do século XVIII, e muitos desses eram “[...] militares que se desligavam das guarnições de fronteira [...]” (ESSELIN, 2011, p.16). No entanto, o conflito entre nativistas e portugueses conhecido como Rusga foi o que, de fato, impulsionou a implantação das primeiras fazendas na região. Segundo Esselin (2011):

[...] A revolta nativista registrada em Mato Grosso, em 1834, foi propulsora, provocando os primeiros deslocamentos de fazendeiros para o sul, sobretudo no final da década de 30 do século XIX. Homens de relevo na política e economia desceram para a banda meridional da Capitania de Mato Grosso e, fugindo dos inconvenientes das perseguições políticas e da justiça, internaram-se no Pantanal, onde fundaram diversas fazendas (Ibidem, p.16).

As disputas políticas em Mato Grosso ocasionaram conflitos armados no interior do território movimentando um contingente de pessoas que ao chegarem à região dos pantanais, encontram rebanhos bovinos bravios vivendo em estado selvagem. Estes primeiros fazendeiros iniciam a criação desses animais utilizando métodos para a captura, onde “[...] a atividade de capturar os bovinos a laço, deu origem as primeiras práticas culturais desses peões que permanecem vivas na atualidade” (LEITE, 2012, p.36).

É nessa região, do até então, sul de Mato Grosso, que esse gado disperso em extensas faixas de pastagens nativas, cresce sem um predador natural que possa controlar sua população dando origem aos campos de Vacaria que passaram a atrair pessoas interessadas em uma alternativa para se instalarem nesse ambiente:

As famílias que resolveram pela fuga de Cuiabá, após os acontecimentos de 1834, tinham informações seguras que nos campos nativos do Pantanal sul vagavam milhares de cabeças de gado bovino que se multiplicavam muito rapidamente, aproveitando-se das boas condições ambientais da região. Esse gado selvagem e “sem dono” constituiu fator principal para que esses colonos se deslocassem para essa região. (LEITE, 2012, p.30).

Assim os primeiros povoados não indígenas e as primeiras propriedades têm seu início em frentes de ocupação que chegavam de todos os lados. Além de pescadores, pequenos agricultores e antigos militares que abandonaram os fortes, após a Guerra da Tríplice Aliança (1865-1870), a incursão de imigrantes paraguaios, na busca por melhores condições de vida devido à devastação de seu país ao fim desse conflito, possibilitou o relacionamento de culturas distintas no interior da região pantaneira.

Todo esse contingente humano que ocupou e passou a ocupar a região, foi a gênese cultural do peão pantaneiro; a troca de experiências entre esses grupos, seja ela de forma amistosa ou não, foi o que deu formato a uma cultura local com base nos conhecimentos sobre a natureza dessa região.

Para essa pesquisa foram realizadas entrevistas com trabalhadores de fazendas de gado que estiveram na região pantaneira. A guisa da preocupação quanto a forma que deveriam ser transcritas as narrativas levou a optar por não corrigir os erros dentro das normas da língua portuguesa brasileira no entendimento que isso pudesse afetar o conteúdo da entrevista. Porém, expressões e emoções que são apresentadas de outra forma que não seja no ato da fala são importantes para a compreensão dos sentidos que uma memória ao ser evocada traz.

No entanto, essas expressões dificilmente poderão ser representadas no texto escrito que segue por não existir, ainda, um meio audiovisual que possibilitaria uma melhor compreensão. Mesmo assim, com essas limitações do texto escrito, nas próximas linhas serão apresentadas as informações e os resultados obtidos com essa pesquisa que teve como metodologia a História Oral em diálogo com fontes escritas referentes à temática do trabalho com gado nos pantanais de Mato Grosso do Sul.

### **Consultando as memórias: A Infância e a educação no campo**

O início do trabalho no campo, em geral, começa quando se é ainda muito jovem. Os peões desde a sua infância são educados de forma que o trabalho e lazer se confundam. A lida com o gado faz parte de um processo que marca profundamente a juventude desses trabalhadores como aponta Leite (2012):

[...] O momento de aprendizado, quicá do encantamento de alguém pela profissão, começa a se esboçar na infância, no universo rural. Da infância até a inserção mais efetiva nas lides campeiras transcorre algum tempo e uma interessante relação de sedução, e aprendizado, pela profissão. Nascer e

crescer em uma fazenda é quase sempre a explicação que ganha relevância ao indagar condutores e peões [...] (LEITE, 2012, p.34).

Em alguns casos, a infância é interrompida pela necessidade de sustentar a família.

Pedro Benites desde criança ajudava seu pai desempenhando trabalhos pesados como fazer cerca e cuidar do gado. Mas, quando completou seus nove anos de idade, por motivos desconhecidos, seu pai abandona a família levando o filho mais velho. Pedro revela que teve de ajudar a cuidar de cinco irmãos e assim, sem tempo para a infância e para a escola, assumiu ainda muito jovem os trabalhos do pai na fazenda em que a sua família morava (ENTREVISTA, Pedro Benites, 2013).

Por esse motivo, as memórias de infância para Pedro são colocadas no esquecimento e o mesmo não gosta de falar sobre seu pai. Sua esposa, Evanilde Machado Benites, revelou que tudo o que ela sabe sobre o pai de Pedro é que o mesmo se chamava João Batista Benites e veio para o Brasil ao fugir de uma briga em que se envolveu quando morava no Paraguai. Durante uma semana, João Batista permaneceu acampado em uma mata e só depois começou a trabalhar fazendo cerca para os fazendeiros brasileiros da fronteira.

Essa história que Evanilde conta, Pedro Benites só ficou sabendo por outras pessoas que conheceram seu pai. O mesmo não se lembra de como ele era, ou não quer lembrar, como Evanilde afirma, já que isto é um assunto que Pedro não gosta de comentar e que sempre evitou falar. De fato, a lembrança do abandono pelo pai marcou a infância de Pedro Benites e o mesmo prefere manter essa no esquecimento por meio do silêncio.

Não só as memórias de Pedro revelam uma infância difícil, mas, sua esposa, Evanilde, revela que passou por algo parecido. Ela relata que foi dada aos cuidados dos avós aos nove meses de idade por seus pais e esses cuidaram dela de forma diferente dos demais filhos como a mesma lança mão do termo “mascote” para traduzir a relação que seus avós mantinham com ela, se assemelhando a uma relação servil:

A vida da casa do meu vô era uma vida sim... era trabalhosa né!? Mas eu, graças a Deus, eu me sentia bem, né!? Eu tive amor... tive carinho... cum elis... só que foi uma vida muito trabalhada que, cum... seis anu di idadi eu já era um mascoti (ENTREVISTA, Evanilde Machado Benites, 2013).

Na fala de Evanilde pode-se observar que, apesar da mesma se sentir explorada pelos avós, tinha carinho por eles e por esse motivo sempre procurou fazer



tudo o que seus avós pediam por mais penosas que as atividades fossem. Assim como Pedro, ela revela que o trabalho desde a infância foi o que proporcionou a educação a ela. Durante a lida no campo, segundo Evanilde, não se tem tempo para aprender o que é errado. O campo possibilita uma educação que Evanilde acredita que a escola não proporciona: os valores de família calçados no respeito aos mais velhos.

Evanilde Benites estudou até a quarta série do ensino primário e teve de abandonar os estudos devido à sua professora ter ficado doente. A escola que ela frequentava era localizada no interior da própria fazenda e só tinha uma professora. O caminho que levava até o estabelecimento era muito perigoso. Segundo Evanilde havia muita vaca brava e quando chovia era de difícil acesso. Todos esses fatores, assim como o cansaço físico após um dia inteiro de trabalho pesado, impossibilitou que a mesma continuasse seus estudos.

Isso é um fato que se repete em outros relatos. O difícil acesso e o cansaço físico são fatores determinantes para que os trabalhadores do campo abandonem os estudos ainda muito jovens. O trabalho pesado faz parte da infância dos habitantes do campo. Todos os membros da família devem começar a trabalhar quando se é ainda muito jovem, pois, segundo esses, se trata de uma maneira de educá-los para a vida.

Antonio Barbosa dos Santos (ENTREVISTA, 2014) aponta que os pais antigamente tinham o trabalho no campo, como mais importante do que a escola para a educação dos filhos. Nas palavras de Antonio o mesmo afirma que:

U istudu seu é serviçu! Pra ocê num aprendê u qui num presta! Dedi idadi di oitu anu qui eu to ó (fazendo gestos como se estivesse carpindo). [...] Meu istudu foi uque, segundu, terceiru anu. [...] Purque eu tiví qui trabaia pra num aprendê u qui não prestava! (ENTREVISTA, Antonio Barbosa dos Santos, 2014).

Essa visão que se tinha com relação ao trabalho como meio de educar os filhos era outro fator responsável pelo abandono da escola ainda muito jovem. Há quatro décadas a escola no meio rural era muito limitada e as famílias precisavam dedicar muito tempo nos trabalhos do campo. A instrução escolar era vista como uma necessidade de quem trabalhava no meio urbano; já o campo estava voltado para o aprendizado prático, da lida do dia a dia não necessitando assim, da frequência escolar.

Em texto específico, Leite (2012) aponta que no meio rural pantaneiro a educação está diretamente ligada ao entendimento de que essa se dá pelo conhecimento e domínio do trabalho no interior das fazendas. Para esse autor,

[...] A educação não pode, nesse caso, ser pensada como um componente da cultura necessariamente vinculado à escola ou a outra instituição formal de produção de saberes. São as expectativas de vida no universo da fazenda, do trabalho com o gado, especialmente, e nos enfrentamentos com a natureza, que inspiram conteúdos e métodos (LEITE, 2012, p.06).

Nas últimas décadas, as inovações tecnológicas e a implantação dos métodos modernos de se trabalhar no campo exigiram dos trabalhadores a sua especialização. Com isso, esses entenderam que a educação formal é necessária para o seu desenvolvimento e para o novo mercado de trabalho. No entanto, ao incentivar os jovens a irem estudar nas cidades quando no meio rural isso não é possível, os pais acabam apoiando que os mesmos não voltem ao campo por entender que o meio urbano pode proporcionar melhores profissões do que a lida no campo.

Isso pode ser observado nas entrevistas como de Evanilde e Pedro Benites que abandonaram a vida no campo para irem morar na cidade com a intenção de possibilitar uma educação de mais qualidade aos filhos. Essa visão segundo Evanilde se deu quando esta trabalhou de doméstica para advogados e outras pessoas que tinham o ensino superior, e nesse contato, a própria maneira de falar dessas pessoas deu a ideia de que a educação da escola nas cidades era superior a do campo e assim ela decidiu lutar para proporcionar essa educação aos filhos.

Ao mesmo tempo, Evanilde aponta que ao migrar para o meio urbano percebeu que a infância na cidade era muito diferente da infância no campo. Na cidade, segundo ela, haviam muitos problemas que no campo não existiam. A violência era muito corriqueira e as crianças no meio urbano, ficavam expostas a muitos perigos. Evanilde descreve que a função do mais velho como mentor na educação do mais jovem era o que poderia fazer a diferença nesse ambiente que, para ela, se mostrou mais hostil que o campo. Segundo Evanilde, a escola só educa o jovem para a vida profissional e a família é que deve ensinar valores como o que é certo e errado. Nas palavras de Evanilde a mesma aponta que:

[...] você dá tudu pru seu filho, mas você tem qui dá conselho... educação, você tem qui dá explicação du mundo lá fora! Purqui si uma criança num conhece nada du mundo tem qui tê um mestre pa podê dá aquela explicação, né. Purquê uma pessoa qui viveu a vida qui vivi tem explicação pra dá pra tudu jeito, né. Purquê criá uma filha pra ser perdida nu mundo, qui futuru qui ela tem? Tem futuru nenhum! (ENTREVISTA, Evanilde Machado Benites, 2013).

Para as pessoas do campo, esse papel do mais velho com relação ao mais novo é decisivo para o futuro do jovem. O respeito ao mais velho, como um mentor, no meio urbano é difícil de ensinar, visto que, para eles, os jovens tem contato com muitas influências que prejudicam a imagem do mais velho. Diferente de como ocorre no campo, o jovem na cidade fica mais tempo dentro de casa e passa muitas horas na frente da televisão, e essa, ensina muita coisa errada, segundo Evanilde (ENTREVISTA, Evanilde Machado Benites, 2013).

No campo o jovem quando é muito pequeno, na faixa etária entre os dois aos nove anos de idade tem maior liberdade para brincadeiras saudáveis como correr, subir em árvores e outras atividades semelhantes. A televisão, quando tem, se dedica pouco tempo para ela; o jovem passa o dia inteiro brincando no terreiro e quando chega o entardecer, assim que jantam, sobram poucas energias para assistir a TV e acabam dormindo cedo.

Essas brincadeiras de infância que marcam as memórias desses trabalhadores do campo revelam que em meio a todas as tarefas desempenhadas no campo, os mais jovens sempre encontravam uma maneira de se divertirem conforme descreve Evanilde:

Eu num sei di ondi nois caçava essi tempu, mais tinha tempu pra issu! Tinha tempu pra tudu! Nois brincava, nois dançava nus baili, nós pintava u canecu! Eu num sei di ondi nós tirava isso [...] A energia qui nós tinha pra fazê tudu issu e inda tê tempu (ENTREVISTA, Evanilde Machado Benites, 2013).

As brincadeiras de infância que Evanilde aponta são muito comuns na infância dos peões. Pode-se perceber um aspecto de lazer e trabalho de forma que os dois se confundam nas memórias. Os poucos momentos de lazer, ligados às lembranças de Evanilde Benites estão reduzidos sempre ao momento em que se tem para descansar entre uma atividade e outra. Na verdade se trata de um momento em que se busca descontrair de forma a esquecer do cansaço. Da mesma forma que ela, Dorival Viana aponta algumas dessas brincadeiras que marcam as lembranças da infância do peão:

[...] sê tem lembrança quandu tu é bom di laçu, qui fica marcadu, né!? [...] Sê é bom cavaleru, né [...], intão issu fica na lembrança né!? Domá cavalu, disputá quem domava melhor... qual qui domava melhor burro... uma disputa boba di mulequi. [...] era montaria [...]. Se ia era muntá... eu memo gostava muito di munta in toru, né (ENTREVISTA, Dorival Viana, 2013).

As lembranças que marcam a educação e as brincadeiras de infância revelam um sentimento negativo com relação à realidade do meio urbano que, para esses

trabalhadores, não é adequada para o desenvolvimento dos mais jovens. Apesar disso, esses peões tem o entendimento de que o campo possibilita uma formação profissional inferior a que pode ser obtida no meio urbano. Porém, ainda assim, eles afirmam que é no campo que se tem maiores possibilidades de educar os filhos com base em valores de forma a torná-los pessoas de bom caráter. Na cultura do trabalhador de fazenda, o peão jovem cresce seguindo as experiências dos mais velhos, retirando dessas o aprendizado necessário para seguir na vida.

### **Memórias do Pantanal**

A região pantaneira tem seu lugar à parte na memória dos peões que por lá estiveram. Esses pensam em um dia voltar a esse lugar e reviver um passado que, apesar de marcar uma fase de grandes dificuldades na sua vida, marca também momentos de glória em que o peão se sente privilegiado por ter vencido obstáculos da natureza que poderiam ter-lhe custado à vida.

A beleza da natureza do Pantanal é enfatizada pelas lembranças desses peões que, ao mesmo tempo, apontam os perigos por trás dessa beleza que, aos inexperientes, pode trazer consequências graves.

Ao ser perguntado de como é a vida no Pantanal, Antonio Barbosa dos Santos descreve da seguinte forma:

Lá é totalmenti diferenti daqui [...] Pantanal eu sufri [...] Pantanal é sufridu! Água! As inchenti du Pantanal da região qui eu tava lá é u siguinti: Ela vem sem chuva. Quando veim... você escuta o sapim gritá [...] você acorda a água já tá assim (mostrando a altura da perna)chovi lá na cabiceira e devidu [...] sê baixa... ela veim (ENTREVISTA, Antonio Barbosa dos Santos, 2014).

As enchentes são a primeira lembrança a surgir nas memórias dos peões entrevistados. Esse fenômeno ocorre de forma particular na região pantaneira devido ao aspecto geográfico dessa que possibilita a chegada das enchentes mesmo em locais que não está chovendo. A rapidez como essas enchentes se alastram em poucas horas pode surpreender pessoas inexperientes. Evanilde Benites em sua narrativa é enfática quando se refere a chegada das enchentes no Pantanal: “[...] um dia você tá nu seco e nu outro dia você tá nu molhadu [...]” (ENTREVISTA, Evanilde Machado Benites, 2013).

A previsão das enchentes pela observação dos sinais da natureza que se dão de forma antecipada, como no relato de Antonio dos Santos quando descreve em trecho já citado: “[...] Quando veim... você escuta o sapim gritá [...]” (ENTREVISTA, Antonio

Barbosa dos Santos), são possíveis apenas pelos peões mais velhos, que há muito tempo habitam a região do Pantanal, conforme aponta Dorival Viana: “Os pantaneru elis sabi [...] aquelis velhinho qui é criado lá dentro, elis sabi”. Segundo Dorival, esses peões mais velhos conseguem prever com grande antecipação a chegada dessas enchentes de forma a realizar todas as atividades e cuidados antes que essa envolva todo o ambiente. Trata-se de uma capacidade que Dorival atribui somente aos mais velhos, já que os mais novos, segundo ele, não conseguem (ENTREVISTA, Dorival Viana, 2013).

As enchentes no Pantanal tem um sentido diferente, para os pantaneiros, de como é vista em outras regiões do Brasil. Enquanto em outras regiões as enchentes tem o sentido de destruição e morte no Pantanal, para os peões de gado, tem o sentido de renovação da vida pelo fato de que, no período da seca, os animais sofrem com a falta de alimentos e isso gera um cenário triste para o peão quando esse é testemunha da fome que acomete e submete os animais de quase todas as espécies.

Com a chegada do período das cheias esses trabalhadores descrevem um cenário de vida onde, segundo eles, a natureza é mais alegre com pássaros coloridos, a abundância de peixes e as pastagens renovadas que possibilitam a melhora do gado formando um Pantanal diferente com relação ao do período seco. Em texto específico, Kamitta (2010) descreve que:

A ocorrência das enchentes, enquanto fenômeno cíclico no espaço que compreende o Pantanal, traz a ambiguidade, uma “possibilidade de criação da vida” e, ao mesmo tempo, um elemento de destruição, de desgaste [...] (KAMITTA, 2010, p.26).

É durante o enfrentamento dessas enchentes que o peão pantaneiro se destaca conforme as narrativas desses trabalhadores. Pedro Benites descreve todo um cenário de luta entre o peão e a natureza de forma que esse, algumas vezes, era vencido e pagava o preço com a própria vida ao tentar transpor as águas dessas enchentes:

Eu sei qui... muita genti ali morreu afogadu memu. Maniadu cum laço e... aquele vinha assim imboladu aquele... aquele vinha enchenu e soltava o gado e tinha que custia o gadu dum lado e outo doto. Aí assim... de vez enquandu você encontrava um cara maniadu cum laço, cum traia, cum tudu; cavalu, tudu, amarradu cum inchentí. Aqueli vinha um... pegava aquele “Carandá”que eles falava lá... é “Carandero”... então vinha aquele monti... todo lastru do corgo [...] ali vinha cobra, jacaré, ali vinha onça, ali vinha catetu, vinha quexada,anta... e quandu enchergava um barcu assim... ele vinha em cima. Aí sê pegava da cabeça dele pegado na proa da canoa e tirava pra fora (ENTREVISTA, Pedro Benites, 2013).

Nessas enchentes a temperatura da água é outro fator de risco que causa, segundo Pedro Benites, ferimentos no homem e nos animais. Pedro durante seu depoimento mostra as marcas das queimaduras feitas pelas águas das enchentes em suas pernas como uma prova material dos fatos descritos.

Além disso, Pedro apresenta os animais de monta, como grandes aliados por salvar esses peões durante as travessias dos rios em meio às enchentes. Ao cansar após nadar alguns metros, Pedro descreve que por estar sempre próximo ao cavalo, o mesmo pode segurar no rabo deste e seguir em segurança até o outro lado do rio.

O encontro com animais selvagens em meio a essas enchentes revela outro perigo para esses trabalhadores, como foi citado anteriormente na narrativa de Pedro Benites. Mas esses encontros, nem sempre são no sentido de ameaça, conforme o depoimento de Antonio dos Santos, o mesmo descreve um encontro que ocasionou uma brincadeira um tanto inusitada:

Aí di longi rapai nós viu aquela trem brilhando na água sim ó... (gestos movimentando o braço em zigue e zague) [...] vinha saindu assim... aí nós chego lá i viu a *Sucuri*... na água... i naquela tempu eu num era... era... mei bobu da cabeça eli tamém, aí eu falei: Rapai vamu laçá essa *Sucuri*? I nói metemu u laçu nela! [...] a *Sucuri* fazia issu aqui (movimentos em zigue-e-zague com o braço novamente) i nós atrais dela. Nu mei da água! Agua até aqui assim (mostrando a altura da cintura) [...] Num tinha medu! I essa *Sucuri* vai daqui, vai daqui, vai dali [...] ela dava mais u menu uns oitu metu! [...] Num consegui! Ela é veloiz na água! (ENTREVISTA, Antonio Barbosa dos Santos, 2013).

A tentativa de laçar uma sucuri, que é ao lado da onça pintada e do jacaré, um animal temido entre os habitantes do campo, é narrada por Antonio como uma prova de valentia diante da natureza hostil. Isso é muito comum entre os peões que sempre procuram guardar acontecimentos semelhantes para serem contados durante as rodas de tereré. Em meio a esses momentos de confraternização os peões buscam em suas memórias histórias que afirmem a sua imagem de bravura diante da natureza.

Além das enchentes, como se pode notar, esses encontros com animais selvagens são outros componentes das memórias desses trabalhadores quando descrevem sua experiência no Pantanal. Porém, nos relatos dos entrevistados não se confirmou ataques de onças ao homem.

A narrativa de Antonio dos Santos aponta que no Pantanal predominam dois tipos de onça: a parda e a pintada. Essa última, por ser arisca, está sempre escondida e dificilmente se aproxima. Já a primeira, segundo Antonio é um animal inofensivo ao homem, nunca demonstra qualquer tipo de hostilidade (ENTREVISTA, Antonio

Barbosa dos Santos, 2013). Mas não se pode afirmar que exista uma relação amistosa entre esse animal e o peão. A onça é vista como um problema para o gado, pois, são comuns os relatos de ataques de onças sobre os animais e isso trás muitos prejuízos para esses trabalhadores conforme relata Dorival Viana:

Outra coisa qui eu fiquei assim... di vê lá a judiação... foi das onça matá bizerru [...] ataca muito e... carneiro intão... num dá nem para ocê contá a quantia di carneiro. Qui posá sorte e num fechá a tardi... no outro dia tá pronto o estrago [...] num é só a pintada. Tem a parda, a preta, né. A maioria é a parda nus carneiro! Aí tem muito (ENTREVISTA, Dorival Viana, 2013).

Apesar dos problemas descritos com esses animais, os trabalhadores apresentam uma admiração quanto à beleza desses. Evanilde Benites revela que sempre teve vontade de domesticar uma onça, pois ela acha esse animal muito bonito. Esse sentido de respeito quanto à natureza desses felinos pode ser observada na resposta de Marcolino após ser perguntado sobre os ataques de onças no Pantanal: “É só quando é de novembro pra fevereiro... qui elas tão di cria né. Intão elas caça muito pra dá comida pros filhotes” (ENTREVISTA, Marcolino Pontes Sandre, 2013).

De fato, esses animais juntamente com outros tantos que dividem o meio natural com o peão, não são vistos como perigosos no sentido de atacar o homem. Para esses trabalhadores, os acidentes se dão pelo próprio descuido do peão pelo fato de esses animais estarem sempre se defendendo. Picadas de cobras, abelhas e outros insetos são os acidentes mais comuns. Conforme aponta Antonio, isso se dá pela falta de experiência por parte do peão. Antonio descreve hábitos simples que o peão no Pantanal precisa ter como guardar a botina sempre dentro de uma sacola e olhar sempre onde irá pisar evitando assim acidentes com animais peçonhentos (ENTREVISTA, Antonio Barbosa dos Santos, 2014).

Antonio descreve o ambiente pantaneiro como um lugar perigoso para as pessoas que não tem experiência. Isso, para ele, define quem realmente é o pantaneiro. Ele mesmo, apesar de não ter nascido na região, se diz ser peão pantaneiro pelo conhecimento que ele tem da natureza desse lugar (Idem, 2014).

Outro aspecto particular do pantanal com relação a outras regiões é a pastagem nativa que é muito enfatizada nas entrevistas. Segundo Evanilde, isso pode ser percebido no gosto da carne do animal criado nesse ambiente, que segundo ela, tem um sabor diferente sendo mais consistente e saborosa que a de outras regiões (ENTREVISTA, Evanilde Machado Benites, 2013).

Por essas razões, o Pantanal é um lugar a parte na memória desses peões no sentido que o mesmo proporciona experiências que o peão, mesmo que com uma

passagem breve pela região, agrega para a vida toda. Isso fica evidente no depoimento de Dorival Viana que diz ter insistido muito para que seu filho fosse trabalhar por um tempo na região. Para ele essa região possibilita um aprendizado que nenhuma outra é capaz. Mas para um melhor conhecimento, Dorival alerta que se deve ficar um ano na região de forma que o peão conheça o Pantanal do tempo da seca e o da enchente porque se trata de dois momentos distintos da natureza dessa região e o peão para se afirmar como pantaneiro deve aprender a viver nas duas (ENTREVISTA, Dorival Viana, 2013).

### **Relações com o mundo natural e o sobrenatural**

Os peões de fazenda, sobretudo os que trabalham no Pantanal, tem uma relação de intimidade com o mundo natural. Muitas vezes seus relatos revelam uma ligação com o mundo sobrenatural que se faz presente quase que o tempo todo em cada atividade realizada.

Essa relação entre sobrenatural e natural, em alguns casos, é vista em rituais de cura em que são utilizadas plantas encontradas na natureza e orações de origem no catolicismo. Esses métodos de cura, ou *benzimentos* como é mais conhecido entre os peões, são utilizados tanto em animais como em seres humanos. Tudo indica que tem suas origens na cultura indígena se levar em conta que muitos dos costumes desse trabalhador, na região do Pantanal, foram resultados das trocas de experiências entre esses grupos que habitavam a região antes mesmo da chegada do gado *vacum* ou *cavalar*.

Os *benzimentos* são práticas transmitidas pelos mais velhos aos mais jovens quando entendem que não podem mais fazê-los. Isso se dá no sentido de que, para os *benzedores*, com o passar dos anos, seu corpo fica debilitado devido a esses rituais, que, segundo eles, absorvem muita energia de seu corpo. Pedro Benites, segundo Evanilde, não utiliza mais esses métodos por entender que seu corpo não pode aguentar as consequências. Evanilde também realiza esses *benzimentos* e quando perguntada sobre com quem ela aprendeu, a mesma respondeu:

O *benzimento* foi uma velhinha que mi ensinô! Porque vovó morreu, o vovô junto uma mãe do genro deli... era velhinha... num tinha cum quem morá [...] aí eli junto ela pra vim morá cu nós porque a gente fico muito sozinha e nós se sentia muito triste né... sem a vovó em casa. [...] Intão ela fico cu nós. Intão ela benzia. Aí ela falô: Olha eu já tô bem velhinha e eu quero ensiná pra voceis tudas orações qui eu sei! Aí... muitas orações qui ela ensino nós num demo nem... qui naqueli tempo nós num dava valor pra nada! [...] era



menina tudo. Queria conversa fiada. Intão alguma qui a genti aprendeu, a gente fico com ela, né. Disserto ela mesma fez aquilo entrá na cabeça da genti, né. [...] qui ela falô que num queria qui morresse a raiz da oração. Que alguma pessoa tinha qui ficá pra fazê o bem pros outro (ENTREVISTA, Evanilde Machado Benites, 2013).

A velhinha, que Evanilde descreve como sua mentora para o benzimento, demonstra uma preocupação em preservar o seu conhecimento transmitindo o mesmo para pessoas mais jovens. Isto apresenta um aspecto do benzimento como tradição transmitida por gerações muito comum em regiões como o Pantanal. Evanilde revela que de início não acreditou nas orações da velhinha devido aos padres católicos condenar o benzimento como uma prática que não tinha valor nenhum se configurando com uma aleivosia. A mesma relata que passou a acreditar no benzimento depois que uma cobra picou um cachorro:

Eu comecei a acreditar nas oração qui ela mi ensinô depois qui uma cobra pegô um cachorro... e eu benzi o cachorro com a oração dela, sabi. E o cachorro num morreu! Purque veneno di cobra si num dé u coisa (soro antiofídico) eli morre (ENTREVISTA, Evanilde Machado Benites, 2013).

Evanilde não deixou a religião católica, mas adotou a prática do benzimento depois de essa ter funcionado, pois, para ela a cura daquele cachorro foi uma prova da natureza divina dessas orações.

De fato o benzimento é uma prática comum e bem aceita pelo homem do campo, vista como uma alternativa eficaz para doenças que não podem ser tratadas em um hospital seja pela falta de condições para o deslocamento seja pela crença de que essa resolve o problema.

Além do benzimento, a cura utilizando apenas plantas sem o acompanhamento de orações, é outra prática comum aos trabalhadores do campo. Conforme as palavras de Antonio dos Santos o remédio do Pantanal é o “mato memu! É tipo índio” (ENTREVISTA, Antonio Barbosa dos Santos, 2014).

Essa utilização de plantas para curar enfermidades exige um conhecimento prático que é aprendido com os mais velhos se configurando como outra tradição presente na cultura do peão de gado. Algumas plantas são tão eficazes a ponto dos peões questionarem os remédios dos médicos e dos veterinários.

Além dessas práticas de cura em que esses trabalhadores aliam o mundo natural e o sobrenatural, a relação entre homem e os animais se dá nesse sentido. O peão respeita a natureza por entender que essa pode se levantar contra o mesmo,

caso suas ações se deem de forma errada contra ela, seja maltratando um animal, seja destruindo-a sem qualquer motivo maior que possa justificar.

Além disso, o trabalho no campo cria uma relação de intimidade entre o homem e os animais de forma que esse chega a batizá-los com nomes para facilitar o seu trabalho, ou como forma de carinho para com o animal. Dorival Viana descreve que ele mesmo, não consegue explicar como isso se dá, o que ele sabe é que após você chamar o animal pelo mesmo nome por alguns dias, o mesmo começa atender ao seu chamado sempre que você disser aquele nome. Para ele é como se o animal conversasse com o homem (ENTREVISTA, Dorival Viana, 2013).

O peão, de fato, não tem uma religião certa que possa ser definida com uma religião para os peões de forma geral. Durante as entrevistas, entre evangélicos e católicos, o que ficou certo é que esses acreditam no mundo sobrenatural como um mundo em que eles por viverem no campo, estão mais próximos, como se tivessem uma relação direta com esse. O fato de esses estarem longe das regiões em que existam templos para praticarem sua fé, não faz com que se sintam menos católicos, ou menos evangélicos. Para eles, o que vale é a crença interior e o caráter honesto do peão.

### **O Trabalho do peão: entre métodos inovadores e os tradicionais**

O trabalho com gado na região do Pantanal exige mais experiência do que inovações por parte dos peões. Essa região oferece muitos obstáculos para a modernidade no sentido que sua natureza exige do trabalhador mais rusticidade do que técnica. Não adianta o peão tentar aplicar novas técnicas, adquiridas em cursos de especialização, sem ter a experiência necessária que só é possível vivendo muito tempo nessa região.

Antonio dos Santos lança mão do dito popular “a dor é que ensina a gemer” para afirmar que o aprendizado para o trabalho com o gado, sobretudo no Pantanal, se dá na prática (ENTREVISTA, Antonio Barbosa dos Santos, 2014). Entre os peões, e isso ficou evidente nas entrevistas, é motivo de orgulho poder afirmar que aprenderam a trabalhar apenas observando os mais velhos.

Mas essa realidade está passando por algumas transformações. Os fazendeiros estão exigindo cursos técnicos dos peões, como por exemplo, o curso de inseminação

artificial que, segundo Dorival Viana, está tendo maior valor no currículo do peão, deixando a experiência em segundo plano. Leite (2012) aponta que:

[...] o domínio da técnica de inseminação artificial e o acompanhamento dos desdobramentos do processo garantem ao trabalhador um local de destaque na propriedade. Nessa relação, as expectativas formuladas nutrem o estereótipo do bom peão, associando-se à capacidade que o mesmo adquire e demonstra ao empregar as novas ferramentas de trabalho, construindo um viés de ligação entre o tradicional e o moderno (LEITE, 2012, p.178).

Esse mesmo autor destaca que a introdução dessas novas técnicas são resultados das “[...] transformações que o Pantanal sofreu nas últimas cinco décadas [...]” com o desafio das fazendas de gado de se integrarem à “aldeia global” (LEITE, 2012).

Dorival aponta como prova de que o conhecimento tradicional do peão está se transformando, a prática de confeccionar os equipamentos de montaria que, na atualidade, está se tornando rara entre os peões pelo fato de que, esses, podem obtê-los em lojas de produtos agropecuários, não necessitando fabricá-los manualmente como se fazia no passado (ENTREVISTA, Dorival Viana, 2013).

Já Antonio dos Santos tem uma visão diferente quanto ao futuro desse conhecimento tradicional, do peão fabricar seus próprios equipamentos de montaria. Segundo ele, o peão pantaneiro tem uma relação de intimidade com a sua tralha<sup>2</sup> e por esse motivo, a sua fabricação pelo próprio tem um sentido de apego ao material. O laço<sup>3</sup> deve ser feito de couro de boi para ser bom. O boi, segundo Antonio, só pode ser laçado por corda feita do mesmo material que ele é feito, isto é, de seu próprio couro.

Com relação às comitivas de gado, que apesar de ser uma prática muito antiga sobrevive atualmente na região pantaneira como a melhor forma de se conduzir o gado de uma região para a outra, essas venceram a concorrência dos caminhões boiadeiros. A construção de estradas e pontes, como uma tentativa de melhorar a logística para a transferência dos rebanhos para outras regiões, não teve muito sucesso como se esperava. O ambiente pantaneiro com suas enchentes impossibilita o trajeto por essas estradas e derruba algumas pontes. Além disso, para Marcolino Sandre, o transporte feito de caminhão machuca bastante os animais tornando-os menos atrativos para vendas e o número de animais que esses veículos conseguem

---

<sup>2</sup> Nome como são conhecidos os equipamentos de monta entre os peões de gado.

<sup>3</sup> Corda especial utilizada para laçar os animais pelo peão, feita de couro de boi.

transportar é muito inferior se comparado a uma comitiva (ENTREVISTA, Marcolino Pontes Sandre, 2013).

Por essas razões, as comitivas de gado, segundo Marcolino, jamais serão substituídas pelos caminhões no Pantanal. Essa região depende e continuará dependendo dos métodos tradicionais de manejo e transporte do gado bovino. Os peões mais velhos, segundo ele, ainda são os melhores preparados para a lida com gado no Pantanal do que os mais novos mesmo que esses últimos tenham diplomas de cursos técnicos (ENTREVISTA, Marcolino Pontes Sandre, 2013).

Contudo, a modernização da pecuária, conforme aponta Leite (2012), implica na introdução de novas “[...] técnicas que modificam o cotidiano do trabalho – e da vida na fazenda – proporcionando a convivência entre hábitos tradicionais e os novos, colocando lado a lado trabalhadores mais jovens e velhos-peões [...]” (LEITE, 2012, p.178).

Sob esse viés, as relações de trabalho entre peões e fazendeiros nessa região sofreram mudanças profundas com a introdução de uma legislação trabalhista. Dorival Viana descreve a relação de companheirismo entre patrão e empregado na atualidade diferente da forma com se dava no passado. Em suas memórias, Dorival mostra desapeço quanto à figura do fazendeiro que atualmente, que segundo ele, prefere viver na cidade reservando ao campo, visitas esporádicas. No entanto, para ele, a introdução das leis trabalhistas com a modernização trouxe um benefício aos peões de fazenda que eram muito explorados pelos fazendeiros que aproveitavam a imagem de amigo desses trabalhadores para ocultarem os benefícios a que esses tinham direito (ENTREVISTA, Dorival Viana, 2013).

### **Considerações sobre essa pesquisa**

Diante das análises feitas a partir do estudo das memórias de peões de fazendas de gado, que tiveram uma experiência de vida na região do Pantanal, temos todo um conjunto de elementos que traduzem aspectos formadores da identidade desses trabalhadores que tem em comum a região pantaneira como um lugar à parte na memória coletiva.

As abordagens feitas com base na historiografia, sobre as origens do trabalho com gado na região do Pantanal, apresentam a pecuária no século XIX como uma atividade complementar com relação à extração de metais que, após o declínio dessa

última, ganha espaço e se torna grande responsável por movimentar a economia da região.

Quanto aos conceitos de memória, foi possível destacar, dentro das histórias de vida dos entrevistados, exterioridades comuns a respeito do universo pastoril desde a infância marcada pelo esquecimento e pelo silêncio, assim como lembranças positivas responsáveis por cristalizar comportamentos.

Além disso, na memória coletiva dos peões de gado que estiveram no Pantanal, não é só a particularidade da natureza da região que marca essa memória, mas o fenômeno das enchentes no período das cheias que revela um sentido de renovação ao mesmo tempo em que se mostra ameaçadora.

Com isso, esses trabalhadores possuem uma relação de respeito quanto à natureza entendendo que por trás desses fenômenos naturais existem fenômenos sobrenaturais que são os responsáveis por corrigir ações negativas do homem. Por temer a reação do meio natural quanto à ação do homem, o peão se identifica como alguém que mantém uma relação de domínio e respeito quanto ao meio ambiente. Esse trabalhador adota os novos métodos de trabalho providos da modernidade conforme sua necessidade, preocupando em preservar a harmonia de sua relação com o mundo natural e o sobrenatural, mantendo as tradições que tem suas origens desde o início da pecuária na região, fruto das trocas de experiências entre os primeiros grupos humanos que se estabeleceram nesses confins.

Pensando a formação da identidade dos peões, considera-se que essa é fortemente influenciada pelo mundo do trabalho. O peão de gado pantaneiro dificilmente desempenhará outra função que não seja a lida com o gado. Isso não diz respeito a sua capacidade ou habilidade para aprender outra profissão e sim com o sentimento de que o trabalho no campo faz parte da vida desse trabalhador como uma atividade em que ele tem forte sentimento de identidade e pertencimento.

Deve-se entender que antes de qualquer aspecto profissional relacionado com ganho de status e/ou uma renda maior, o trabalho do peão de gado está relacionado com o desempenho de uma atividade que dê sentido a sua vivência e identificação no universo da vida no campo, sobretudo, no Pantanal, pois ela fez e faz parte de toda a sua vida.

## **REFERÊNCIAS E FONTES.**

- ALBERTI, Verena. *Manual de historia oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004. 234p.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. 3. Ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CHILDE, Vere Gordon. *A evolução cultural do homem/ Vere Gordon Childe*, Tradução de Waltensir Dutra, 5 ed. Rio de Janeiro, Zahar 1981.
- ESSELIN, Paulo Marcos. *A pecuária bovina no processo de ocupação e desenvolvimento econômico do Pantanal sul-mato-grossense, 1830-1910*. Dourados: Edugd, 2011.
- FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. *A voz e o sentido. Poesia oral em sincronia*. – São Paulo, Editora UNESP, 2007. p. 145-161.
- FERREIRA, Áurea Rita de Ávila Lima. *A teia do contar na Nhecolândia: A personagem lendária Mãozão / Áurea Rita de Ávila Lima Ferreira*. – Dourados, MS: UEMS/UFGD, 2009. 186p. ; 22 cm.
- KMITTA, Ilsyane do Rocio. *Experiências vividas, naturezas construídas: enchentes no Pantanal (Porto Murtinho – 1970-1990)*. 2010. p.22-72. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados.
- LEITE, Maria Oliveira Ferreira. *Comitiva de Boiadeiros no Pantanal Sul-matogrossense: modo de vida e leitura da paisagem*. 2010. 232 f. Tese (Mestrado em Ciência Ambiental)
- LEITE, Eudes Fernando. *Marchas na História: comitivas e peões-boiadeiros no Pantanal*. Brasília, Ministério da Integração Nacional; Campo Grande, MS: ed. UFMS, 2003. 223.p : il, 21cm.
- \_\_\_\_\_. Um Homem Chamado Pantaneiro. In: GALINDO, Dolores; SOUZA, Leonardo L. de. (organizadores). *Gênero e tecnologias, tecnologias do gênero : estudos, pesquisas e poéticas interdisciplinares*. Cuiabá, MT : UFMT, 2012. p.33-45.
- \_\_\_\_\_ ; FERNANDES, Frederico. (organizadores). *Trânsitos da Voz: estudos de oralidade e literatura*. Londrina: EDUEL, 2012. 308 p, :il.
- POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989. p.3-15,
- \_\_\_\_\_. *Memória e identidade social*. Estudos históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992. p.200-215.
- SENA, Divino Marcos de. Tropas e Condutores em Mato Grosso: camaradas e arrieiros (primeira metade do século XIX). *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*. Vol.3 nº 5, Julho de 2011.

## Entrevistas realizadas

ENTREVISTA, Antônio Barbosa dos Santos (Áudio-mp3). Produção: Paulo Rodolfo Bork Zanata. Bodoquena, MS: UFGD, 01/01/2014. 57 min. (aprox.), som.

ENTREVISTA, Dorival Viana. parte 1(Áudio-mp3). Produção: Paulo Rodolfo Bork Zanata. Dourados: UFGD, 2013. Parte 1, 30 min. (aprox.), som.

\_\_\_\_\_ parte 2(Áudio-mp3). Produção: Paulo Rodolfo Bork Zanata. Dourados: UFGD, 2013. Parte 2, 30 min. (aprox.), som.

ENTREVISTA, Evanilde Machado Benites (Áudio-mp3). Produção: Paulo Rodolfo Bork Zanata. Itaporã, MS: UFGD, 2013. 1, 05 min. (aprox.), som.

ENTREVISTA, Marcolino Pontes Sandre (Áudio-mp3). Produção: Paulo Rodolfo Bork Zanata. Dourados: UFGD, 2013. 59 min. (aprox.), som.

ENTREVISTA, Pedro Benites (Áudio-mp3). Produção: Alan Paulo Rodolfo Bork Zanata. Itaporã, MS: UFGD, 2013. 50 min. (aprox.), som.